

Mário Morais-Almeida

O futuro da Imunoalergologia em Portugal no horizonte de 2020 – Um tributo à Imunoalergologia nacional

No final da década de 90, numa abordagem inovadora, a direcção da SPAIC em exercício definiu como uma prioridade a elaboração do **Livro Branco sobre o Futuro da Imunoalergologia em Portugal no Horizonte do Ano 2005**, assumindo-se este como uma ferramenta essencial de sensibilização geral e de apoio a tomadas de decisão.

Existiam então várias justificações para este trabalho:

- Prevalência crescente da doença alérgica;
- Pouca sensibilização das autoridades de saúde;
- Tendência economicista para a redução de custos;
- Insuficiência de serviços especializados a nível nacional;
- Ausência de prioridade para a investigação e ensino nesta área científica;
- Inexistência de uma Rede Nacional de Referenciação em Imunoalergologia.

Reviu-se a literatura e analisaram-se os dados existentes, ouviram-se especialistas na área, sendo consideradas cerca de 200 variáveis. Da avaliação do seu impacto, difícil de quantificar, podemos considerar os seguintes aspectos:

- Fraca penetração e divulgação das mensagens do livro pelas autoridades a quem prioritariamente se dirigia;
- Confirmação do aumento da prevalência das doenças alérgicas, ainda pouco diagnosticadas e muito mal controladas, nomeadamente por falta de medidas preventivas;
- Publicação da Rede de Referenciação Hospitalar em Imunoalergologia, sem que o seu cumprimento seja efectivo, dificultado por novas formas de gestão;
- Ausência de articulação com os cuidados de saúde primários;
- Insuficiência do quadro nacional de especialistas colocado na rede hospitalar;
- Ausência do ensino da Imunoalergologia na maioria das Universidades nacionais;
- Uma atitude cada vez mais positiva dos meios de comunicação social e dos doentes perante a actividade profissional dos imunoalergologistas.

Perante o panorama actual das doenças alérgicas no nosso país, em tempos de incerteza, pareceu-nos então justificado voltar a publicar uma reflexão ainda mais abrangente sobre **O Futuro da Imunoalergologia em Portugal no Horizonte de 2020**.

Esta obra, contando com a participação activa de mais de uma centena de especialistas, teve como objectivo uma abordagem da situação actual e futura do impacto das doenças alérgicas na população portuguesa, tendo-se estimado que a

prevalência destas patologias será ainda maior na próxima década, particularmente na idade pediátrica. E apresentações clínicas particulares, como a alergia alimentar ou medicamentosa, potencialmente de elevada gravidade, poderão apresentar as incidências mais elevadas. É assim de esperar um aumento da procura de profissionais devidamente habilitados, pelo que os sistemas de saúde deverão estar aptos para uma resposta adequada, geradora de satisfação e de redução de custos.

Mas são sinais de preocupação, por exemplo, os indicadores que demonstram que a maioria dos asmáticos não está adequadamente controlada, ou que a taxa de internamento por asma mantém-se inexplicavelmente estável desde há cerca de uma década. Falta de diagnóstico e de medidas preventivas poderão por si só explicar este injustificável facto.

Embora se saiba que a genética é um factor importantíssimo no desenvolvimento destas patologias, o efeito dos factores de risco, nomeadamente os ambientais, também se fará sentir com maior intensidade, pelo que iniciativas como o Boletim Polínico ou o Mapa Acarológico se encontram justificadas, aumentando o conhecimento e alertando sobre o impacto destas doenças.

Será simples compreender a importância do especialista em doenças alérgicas, coordenando toda a abordagem da patologia alérgica, obviamente colaborando de um modo harmonioso e integrado com muitos outros especialistas, sempre que a situação o justifique, visando a prestação de cuidados ao nível da excelência.

Reduz-se o consumo de múltiplas consultas que apenas parcelarmente estudam a síndrome alérgica, poupa-se tempo e recursos económicos. Melhora-se a qualidade de vida, ao abordar o alérgico como um todo e não como uma parcela, prescrevem-se tratamentos que podem modificar a evolução da doença. Trata-se a doença, geralmente crónica, dedicando tempo a cada doente, gerindo com ele e com a sua família o plano de actuação, definindo metas, ponderando custos. Aumenta-se a adesão dialogando e esclarecendo os objectivos do programa de tratamento.

Adicionalmente, o imunoalergologista, com a sua formação vertical em termos de grupos etários, com sólidos conhecimentos da etiopatogenia da doença alérgica, é indiscutivelmente o profissional de saúde com maior sensibilidade para rentabilizar a abordagem ao menor custo, tal como tem sido demonstrado em vários estudos internacionais.

Será importante referir que a conjugação de uma bem desenhada rede hospitalar de Imunoalergologia, actualmente insuficiente e desadequada à realidade geodemográfica do país, com uma melhor abordagem ambulatoria nas zonas mais periféricas, poderia proporcionar uma equidade no diagnóstico e no tratamento das doenças alérgicas.

Considerando a elevada prevalência das doenças alérgicas, actualmente um verdadeiro problema de saúde pública, também a possibilidade de estender o atendimento em doenças alérgicas em cuidados de saúde primários por imunoalergologistas nas regiões com maior densidade populacional ou mais carentes em especialistas, certamente que iria desenvolver a melhoria dos índices de morbilidade em doenças alérgicas e talvez a médio prazo reduzir as taxas de internamento e mesmo de mortalidade.

Segundo recomendações da Organização Mundial de Saúde, para patologias com o mesmo tipo de impacto social das doenças alérgicas, deverá existir um especialista para cada 50 000 a 100 000 habitantes. No entanto, actualmente, não se atinge sequer a meia centena de especialistas, o que se traduz num rácio superior a um médico imunoalergologista para 250 000 habitantes...

Torna-se assim urgente, mais uma vez, sensibilizar os gestores e administradores da saúde, públicos e privados, para a realidade da doença alérgica em Portugal, recordando-lhes que o nosso país é uma referência internacional na formação de especialistas nesta área médica, sendo também notável a produção científica baseada em inovação e na avaliação das melhores práticas que os profissionais desta jovem especialidade desenvolvem para benefício da qualidade de vida dos doentes alérgicos.

Finalmente, consideramos que este projecto, evidenciando e contribuindo para a notoriedade da situação, poderá ajudar as autoridades de saúde na reavaliação das opções de abordagem global das doenças alérgicas e que, envolvendo outros parceiros, como é o caso do Colégio de Imunoalergologia da Ordem dos Médicos e das associações de doentes, possa de alguma forma contribuir para melhorar a qualidade de vida dos mais de dois milhões de portugueses que sofrem de patologias alérgicas.

Mário Morais de Almeida
Pela Direcção da SPAIC – Triénio 2008-2010